

A casa unida

GERALDO FORBES

Dos longínquos campos da memória vem a lembrança de uma singela lição. O velho apresenta um palito de fósforo e diz: quebre. A criança, com facilidade, o parte em dois. Ai o velho junta seis palitos de fósforo e diz: tente quebrar. A criança não consegue e compreende, para sempre, que a união faz a força. Atualmente, vivemos um momento da vida nacional em que todos os seus atores bem-intencionados devem ter presente, mais do que a mera conveniência, a necessidade de se unir. A razão é óbvia: a República corre perigo. Está instaurado, sem mais disfarces, um evidente conflito e o inimigo é forte.

O grupo político enquistado no poder, sob o comando do sr. José Sarney, não mais esconde o inegável choque dos seus interesses particulares, e nem sempre lícitos, com os interesses maiores da República e dos seus cidadãos. As hostilidades, há tanto tempo latentes, tornaram-se agora abertas desde as declarações do sr. Antônio Carlos Magalhães, em São Paulo, e as do sr. José Sarney, na penúltima "Conversa ao pé do rádio".

Pouco refresca dizer-se que conversa ao pé do mata-burro seria um nome mais apropriado para o programa. O que importa é que, rádio ou burro, o presidente nele abriu fogo contra o Poder Constituinte. E isso sob um pretexto tão tolo, tão indefensável, que, mesmo vindo de quem veio, deve-se imaginar que a fragilidade do argumento fosse proposital.

Qual a sua razão? Passar subliminariamente a outra mensagem: "A Constituição tem de ser feita conforme o modelo que nós, do Executivo, queremos". Como reforço, ainda filtraram-se, para a imprensa, as "preocupações" dos ministros militares, com as normas estabelecidas para se efetuar prisões.

As luzes da civilização, e nela incluídas as modernas conquistas do direito penal, podem ser à vezes rebatidas pelas duras armações dos quepes dos soldados. Ou pelos de alguns soldados. Não se pode admitir, entretanto, que o ilustre, culto e honestíssimo consultor-geral queira riscar Beccaria, e tudo que se lhe seguiu, do mapa dos direitos do homem. Tem peixe debaixo do angu.

A questão é tão clara que nem vale a pena ser discutida no seu mérito. Não tem mérito. São como as razões do lobo na sua pendenga com o cordeiro. São falsas razões. Importante é o motivo, o móvel do que se planeja, sob o esfarrapado manto da preocupação com a segurança (sempre ela) dos cidadãos.

E qual o verdadeiro motivo da ofensiva da armada sarnaleona? Um, sempre aquele: cinco anos de mandato. O outro, sua seqüela: cinco anos de mamata. Mais outro, a manutenção do "Sistema". O que o sr. Sarney quer, como explicitamente proposto pelo sr. Antônio Carlos, é melar a Constituinte e, de quebra, intimidar a CPI que começa a investigar o lamaçal na sua copa e cozinha.

Conseguirá? Talvez. O presidente tem a caneta e o Diário Oficial, é a observação cínica e infelizmente verda-

deira, no subdesenvolvimento cultural e político do País. Tem também a oposição dividida, os partidos esfarelados. Só restam grupinhos e grupões e, na maior parte deles, dando, receberá.

A derrocada da República é pois uma forte possibilidade e, claramente, um iminente e terrível perigo. A história desses três desgraçados anos está viva na cabeça de todos. A corrupção, a roubalheira e o desgoverno são flagrantes. Não se pode continuar assim. E muito menos pode ser cassada a representação popular.

Esta coluna, e se alguém se dá ao desgosto de acompanhá-la sabe, tem criticado acerbamente o Congresso Constituinte, sua origem, muitos de seus membros e vários dos estatutos propostos (sobretudo na questão dos sistemas eleitoral e de governo).

Pois, bem, não mais. Está na hora de voltar ao começo desta história e à parábola dos palitos. A Constituinte não é a dos nossos sonhos, mas é a que existe. Seu produto não será o dos nossos sonhos, mas é agora o possível e dele precisamos, já, para fazer face às ameaças dos usurpadores.

As esperanças de salvação e mudanças estão hoje todas nas mãos do Congresso. Por isso mesmo o Executivo lhes declarou guerra aberta. Com quem nos alinharmos? Com o Congresso, é claro.

Nesta gravíssima hora, cesse tudo que a musa antiga canta; um perigo mais alto se levanta. O grupo no poder, enlouquecido e enraivecido, ameaça seus críticos, os senadores e deputados e mais que tudo a democracia, apenas recuperada, por nós sozinhos, e a duras penas.

A prioridade do sr. Sarney, filho da ditadura, é zerar o jogo e ganhar cinco anos, nos tanques. Escondendo a roupa suja. Nossa prioridade é ganhar o jogo, promulgar a Constituição, reafirmar o primado da lei e do poder civil. E por decorrência, acabar com a sujeira da corrupção desenfreada.

O sr. Sarney e seu grupo estão em aberto conflito com a Nação. Os democratas e os patriotas — são milhões — deve unir-se em sua defesa. Ou nos unimos, ou eles vencem. E nós perdemos.

Vamos deixar de lado, por um tempo, pelo tempo que durar esta guerra, nossas desavenças ideológicas, partidárias, regionais ou classistas. Isso tudo são anéis, não são o essencial. Vitais são os dedos, a liberdade, a lei, a democracia, o corpo e a alma da cidadania. Vamos acabar a tarefa interrompida com a posse e a permanência de José Sarney na Presidência. Vamos restaurar a República.

A melhor expressão dessa idéia se fará hoje, a par da exigência de imediatas eleições diretas, apoiando-se decididamente os esforços da CPI da corrupção e, sobretudo, apoiando-se incondicionalmente os esforços do senhor Ulysses Guimarães para votar e assinar a Constituição o mais breve possível.

É o que faz a coluna. E é o que pede o leitor. União contra a usurpação. União pela restauração.

A casa dividida não sobreviverá. Salve a República.